

CAMPANHA DA PRINCEZA

I

Em torno da velha cidade mineira formou-se uma lenda.
Campanha era um nome suggestivo.
 Havia de exprimir luta; de significar combate!
 Mas a historia colonial não assignalava encontro algum naquelle sitio.
 A imaginação se incumbio de creal-o. [1]
 Em principios do seculo XVIII dous criminosos se evadiram da cadeia de Villa Rica.
 E, varando extensos sertões, na ancia de bem garantir a sua liberdade, chegaram áquella paragem.
 Este mesmo instincto de liberdade, porém, já havia conduzido para alli dous pretos fugitivos.
 Um *quilombo*, talvez, estava a pique de formar-se.
 E o infortunio fez irmãos no deserto, uns e outros!
 Entretanto, breve cessou esta harmonia.
 Ao que parece, mesmo alli, o sentimento de raça veio a explodir, arrogando-se os brancos supremacia sobre os pretos.
 Ou, então, na sua alma, ainda endurecida de condemnados, elles formaram o proposito da destruição e do roubo de quanto os pretos possuíam!
 O que é certo é que a luta estalou! E os pretos succumbiram!
 Os condemnados venceram a *campanha*. E, como a Romulo, coube-lhes a fundação da cidade!
 Mas, aqui a lenda perde o interesse; não tem um relevo.
 Apaga-se.
 Senhores exclusivos daquelle sitio, e deixando a arder a choça de suas victimas, para que a lembrança das mesmas de todo se extinguísse, elles se abalaram para o rumo de léste, a explorar a região.

[1] O saudoso Commendador Bernardo Saturnino da Veiga narra a lenda, no *Almanach Sul Mineiro* de 1874; e declara tel-a ouvido ao venerando Dr. Manoel Joaquim Pereira de Magalhães, que, por sua vez, a ouviu a seu pai, o Coronel José Francisco Pereira, fallecido em 1855, com a idade de 95 annos.

E com esta direcção chegaram à margem do Rio Verde. Ahi, precisamente no local em que se ergue, hoje, a Conceição do Rio Verde, deparou-se-lhes a tosca vivenda de um lavrador. Pediram abrigo; e foram acolhidos. Captaram a confiança do lavrador e desposaram-lhe as filhas. E, voltando com suas mulheres ao sitio primitivo, ahi se installaram de vez. Assim termina a lenda.

Mas, a lenda está desfeita. E, dest'arte não pôde a Campanha se exhibir à moda da Cidade Eterna!

Entretanto, titulos não lhe faltam, para que se lhe dispense esta originalidade.

Foi da sua propria situação que a Campanha tirou o seu nome. Este nome não lhe adveio de uma *campanha* de foragidos, mas das *campanhas* do rio Verde. (2).

A palavra — *campanha* — era a empregada, nos tempos coloniaes, com a significação de campina, campo.

Assim, denominavam-se correntemente *campanhas* do rio Grande, *campanhas* do rio Sapucahy, *campanhas* do rio Verde, *campanhas* do rio Capivary, as campinas situadas no valle destes rios.

Aliás, esta accepção é do nosso lexicon, como se vê em Moraes. E, embora Fr. Francisco de S. Luiz diga em seu *Glosario*, que este uso é uma affectação de francezismo, elle é seguido por Vieira e outros classicos.

E', mesmo, de Vieira o seguinte trecho:
« Cahe o pó, ou no rio, ou no mar, ou no monte, ou na *campanha*. »
E, ainda hoje, tal accepção é corrente, no Estado do Rio Grande do Sul.

Minas do Rio Verde era a denominação primitiva de um nucleo de mineração, do qual a Campanha se constituiu centro.

(2) O proprio commendador Bernardo Vaiga, depois de se occupar da lenda, alvitra tambem, esta hypothese.
— *Almanach da Campanha*, editado em 1800 pelo infatigavel redactor do *Monitor Sul Mineiro*, Sr. José Pedro da Costa, e elaborado pelo illustre Sr. Julio Bueno, não attribue, por sua vez, a lenda a denominação da cidade; e, sim, á expressão — *campanha* — usada no periodo colonial.

A nossa divergencia está, apenas, em que ao distincto escriptor parece que este vocabulo era empregado na accepção de *bacia* de um rio; e, a nós, na de campina, campo.

Em um auto de vereança da Camara de Campanha, em 1800, já se dizia que « a villa estava toda assentada sobre campos.

E, dest'arte, não pôde a *campanha* se
Revista do Archivo Publico Mineiro, anno de 1896, pag. 485.

Achavam-se estas minas na comarca do Rio das Mortes, espalhadas por uns campos, que, com intervallos de pequenas mattas, se succedem do rio Verde ao Sapucahy; e dellas havia noticias muito vagas até o anno de 1737.

Foi por esta occasião que se effectuou o seu reconhecimento.

Chegara, pouco antes, á Capitania, em importante missão, Martinho de Mendonça de Pinna e de Proença.

Já não bastava, para os gastos de D. João V, o rendimento que em ouro do Brasil, então, estava produzindo.

Era preciso mais, ainda! (3)

E o Brasil havia de o enviar, custasse o que custasse.

Mas, não era só.

A recente descoberta, no Tejuco, de jazidas diamantinas, fôra um successo!

O Rei mandou que os conegos da Sé patriarchal rezassem, com pompa nunca vista, uma novena em intenção da alma de Pedro Alvares, o subdito benemerito. (4)

O Brasil apresentou-se-lhe, assim, em todo o esplendor de sua riqueza!

Desta riqueza com que D. João V poude fazer face aos seus gastos fabulosos e Pombal, na phrase do proprio Oliveira Martins, reconstruir não só Lisboa, mas Portugal inteiro! (5)

Era preciso, pois, um regimen severo de fiscalização nas minas.

Era preciso que a lavra despejasse a lux no erario régio, o ouro e o diamante, embora o mineiro assistisse ao esbulho de seu invento, ao sacrificio de seu trabalho!

Dahi a missão de Martinho de Mendonça, enviado para a Capitania, com a carta régia de 1733.

E, tão importante esta missão, que os governadores do Rio de Janeiro e de Minas tiveram ordem de lhe dar a ajuda e credito de que elle necessitasse, e mostrar, nas secretarias, ainda os mais reservados papeis.

Tão importante, que ao Governador do Rio de Janeiro se recommendou que, caso urgente, puzesse sempre á disposição delle uma não que levasse a sua correspondencia para Lisboa.

E esta correspondencia occupa, pelo menos, quatorze volumes da Torre do Tombo, pois tantos os viu o Visconde de Porto Seguro (6)

Mais do que um auxiliar do Conde de Galvêas, no governo da Capitania, Martinho de Mendonça era um alto commissario do Rei.

(3) Rodrigo Octavio, *Felisberto Caldeira*, pag. 67.

(4) *Op. cit.*, pag. 68.

(5) *O Brasil e Colonias*, pag. 34.

(6) *Historia do Brasil*, vol. III, pag. 906.

Era, de facto, um fiscal do proprio governo da Capitania.

O regimento que elle trazia lhe dava as mais amplas attribuições.

Cabia-lhe empregar-se em tudo que fosse conveniente ao real serviço.

Nada devia escapa: às suas vistas.

E o pensamento da Corôa era, realmente, o do esbulho, o da oppressão!

O proprio regimento o constata.

Assim, se recommendava a Martinho de Mendonça que «mandasse a *pretexto de roças*, tomar posse dos sitios cuja occupação fosse conveniente á real Corôa»!

E a certeza de que, cedo ou tarde, uma reacção se havia de levantar contra os designios da Corôa, levou tambem á seguinte recommendação: «se informasse ácerca do sitio mais conveniente, para a residência dos governadores, cuja habitação, com a apparencia de casa, tenha a *segurança e a utilidade de fortaleza*»!

«No caso de se temer algum tumulto ou principio de sedição», dizia ainda o regimento, «se poderá proceder contra os culpados, pela verdade sabida, *sem figura alguma de juizo, e com execução militar*»!

Cumpria Martinho de Mendonça, á risca, sua missão.

E, já agora, as *Minas do Rio Verde* não podiam continuar occultas.

Haviam de despejar, tambem, para o erario régio!

Martinho de Mendonça toma conta, mesmo, interinamente, do governo da Capitania, em 15 de maio de 1736, e nelle serve até 25 de dezembro de 1737.

E, dentro de algum tempo, um de seus cuidados foi o reconhecimento daquellas minas, que elle commetteu ao Ouvidor da comarca do Rio das Mortes, Cypriano José da Rocha.

O Governador interino tinha este ouvidor na melhor conta.

«He o unico ministro de jurisdicção ordinaria, dizia elle, «que cuida nos ossos o off.», tem zello de justiça e cuidado nas cousas publicas» (7).

Era o homem para a empreza; para desvendar o segredo daquellas minas!

As minas mysteriosas, cujo ouro, Martinho de Mendonça, como que advinhava, devia, mais tarde, adornar a Princeza da Beira!

Desempenhou-se o Ouvidor de sua incumbencia, de que deu conta a Martinho de Mendonça, em officio de 9 de Dezembro de 1737 (8).

(7) Trecho de um officio por elle dirigido para Lisboa, em 18 de outubro de 1737. Transcripto na *Revista do Archivo Publico Mineiro*, anno I, pag. 662.

(8) Este officio consta do *Archivo Publico Mineiro*, e está transcripto nas *Ephemerides Mineiras*, de Xavier da Veiga, vol. IV, pag. 88.

E não foi sem receios que elle empreendeu a sua jornada, «para o descobrimento», dizia elle, «das Minas do Rio Verde só famigeradas por huã obscura noticia de alguã pessoa que occultamente dava mantimentos aos Criminozos, que se refugiarão naquelles Dezertos».

Tanto mais quanto, «os criminozos espalharam vozes: que defendião os certoens que habitavam p.^a que não fossem entrados de pessoa alguã».

Era uma empreza arri cada!

Era um «osso do officio», que o leal Ouvidor acceitava.

E, partindo de S. João d'El-Rey, com a escolta que Martinho de Mendonça lhe enviara elle chegava, afinal, áquellas minas, com uma viagem de dez dias.

Entretanto, dissiparam-se os seus receios!

A' sua chegada, somem-se os criminosos!

E ninguém se oppõe á sua autoridade.

E' uma população ordeira que o acolhe.

O Ouvidor percorre, á vontade, as minas, «situadas em uns bem delatados campos, q. os findam varios corgos e Ribeiros com muitos mattos proveitosos».

E observou, com prazer, que «em todos os corgos e Ribeiros se acha ouro que entra pera terra, pelo que promete duração».

Explorou os rios daquella zona, o rio Verde, o Lambary, o Palmella, chegando ao Sapucahy, que atravessou em canôa.

E, alli, lhe informaram que, com tres dias de navegação, rio acima, se communicavam ás minas do Itajubá.

Não se dispoz, porém, a esta investigação, pelo inverno que reinava. Ao que observou, «comprehende o descoberto em circuito mais de vinte legoas».

Providenciando sobre a organização do serviço das minas, ordenou «que quem quizesse entrar na repartição das terras mineraes desce a rol os negros que pesuhi pelos bilhetes de capitação fesce a repartição por sortes, não houve descobridor».

E «foram sete mil negros a que se repartiram terras»!

E, para corôar a sua obra, fundou o ouvidor «um Arrayal em fórma de V.^a a que se deu o nome de S. Cypriano, q. está povoado com praça e ruas em boa ordem e mto. boas cazas».

Causou-lhe impressão o movimento do arraial, que lhe parecia devia ser erigido em villa:

«Vão entrando muitas gentes tem mantimentos em abundancia em bom comodo e continuamente estão entrando carregações».

E, depois de setenta e tres dias de ausencia, chegava victorioso a S. João d'El-Rey, pela estrada que abrira, e que punha esta villa em tres dias de communicação com o novo arraial de S. Cypriano.

Encerrando o seu officio, dizia :

«Entrei nesta acção por entender fazia bons serviços a S. Magestade sem mais interesse do que dar-se o mesmo Sr. por bem servido da minha intenção e cessarem as queixas de muitos que não tinham adonde minerar.»

«Obrei a despezas minhas perdendo emolumentos, o que hé notorio».

As Minas do Rio Verde, como se vê do officio do Ouvidor, comprehendiam em circuito mais de vinte leguas.

Ha, pois, ali um raio de quatro leguas, mais ou menos.

E, tomando a Campanha como centro, verifica-se que, nesta área, se acha, tambem, parte dos actuaes districtos da cidade de Tres Corações do Rio Verde e de São Gonçalo do Sapucahy.

Em tal área, já decadente a mineração, em 1814, eram exploradas, ainda, como attesta von Eschwege, as seguintes minas :

Bairro Alto, Almas, S. Pedro, S. Bento, Rio Verde, S. Gonçalo, Boa Vista, S. Gonçalo Velho, Ouro Falla e Santa Luzia (9).

O officio do Ouvidor, porém, suggere diversas considerações, uma das quaes não passou despercebida ao illustre autor do *Almanach da Campanha*, quandoentende que elle encontrou, alli, um arraial constituido.

De facto.

Ér. impossivel que, nos poucos dias de sua estada naquellas minas, elle conseguisse fundar um arraial em fôrma de villa, «com praça e ruas em boa ordem e mto. boas cazas!»

A antiguidade das Minas está constatada no officio, quando o Ouvidor se refere a distribuição das catas.

A primeira data, na fôrma da lei, pertencia ao descobridor.

«Mas a disposição legal não se poude cumprir, porque «não houve descobridor».

Tão antigas eram as minas, que a geração que as habitava não tinha noticia de seu descobridor.

A população das minas era, realmente, colossal!

A sete mil negros se distribuiram terras!

Em 1814, não ha duvida que decadente a mineração, mas, em toda a Capitania, o numero de escravos empregados nas minas não attingia a tanto como se observa nos quadros estatisticos organizados por von Eschwege (10) : era, apenas, de 6.493.

É aquella população parecia regularmente organizada.

(9) *Pluta Brasiliensis*, pag. 308.

(10) *Loc. cit.*

Os negros eram escravizados, como se vê do officio do Ouvidor, que ordenou, a quem quizesse entrar na repartição das terras mineraes, desse a rol os negros que possuia.

Os serviços da lavoura e do commercio pareciam, da mesma fôrma, em ordem.

Havia produção abundante e um intenso gyro commercial.

As Minas do Rio Verde constituem, de facto, uma das surpresas dos tempos coloniaes.

Eram uma cidade occulta!

Escrevendo ao longe, Oliveira Martins apanhou entretanto, com felicidade o aspecto social daquella época.

«A educação recebida nas *bandeiras* da caça aos indios, agora convertidas em *bandeiras* de caça de minas, não era, de certo, feita a proposito, para dulcificar o temperamento agreste dessas populações, costumadas á vida errante do sertão, nem para as levar a reconhecer a legitimidade de um governo, até então ausente, só manifesto agora que, nos leitos dos rios e nas quebradas das serras, ellas tinham descoberto o cascalho aurifero e diamantino (11).

E foram estes sentimentos que levaram a explosões terriveis, como o encontro do Rio das Mortes.

Os mineiros do Rio Verde, porém, asseguravam a sua liberdade por um processo astucioso.

Faziam chegar ás auctoridades da Capitania boatos terrificantes da existencia de criminosos naquella paragem.

É, sob a vigia deste espantallo, se sentiam garantidos.

A liberdade em que se encontravam não degenerou, porém, em anarchia.

Foi uma liberdade fecunda!

Viveram no trabalho.

Edificaram a sua cidade.

E quando o Ouvidor Cypriano, dissipado aquelle espantallo, alli penetrou, foi para admirar a obra dos mineiros!

A cidade estava feita!

E o trabalho havia temperado, naquelles mineiros, a sua alma de *bandeirantes*.

Dispensaram ao Ouvidor a melhor acolhida.

E mostraram-lhe vaidosos a sua obra.

Tão perfeita, que o Ouvidor pedia para ella as honras de villa, dignidade de que, apenas, gosavam, naquelle momento, Marianna, *Villa Rica*, S. João d'El Rey, Caethê, Sabará e Minas Novas.

(11) *O Brasil e Colonias*, pag. 84.

Certo, o Ouvidor chamou para si as glórias desta obra.

E, ao que nos parece, não foi vaidade pessoal, e, sim, por melhor servir a S. Magestade.

Ao bom Ouvidor, que fez viagem á sua custa, que abriu mão dos emolumentos que lhe eram devidos repugnaria chamar para si aquellas glórias.

O vassalo, entretanto, não teve escrúpulos!

Era preciso diminuir a gloria dos povos, para augmentar a do Rei.

Quando entretanto, e por onde, se fizeram as entradas para as *Minas do Rio Verde*?

Vinha de longe o conhecimento do alto rio Verde e do alto Sapucahy.

O Embahú (12), a celebre garganta de Mantiqueira, era a porta de entrada para o territorio de Minas; e quem a transpuzesse havia de per-lustrar o rio Verde.

O rio Verde era assim, o guia das entradas; por elle se dirigiam as *bandeiras* até o Pouso Alto.

Dahi é que estas aprumavam para o Norte, passando por Baependy, em procura do rio Grande.

E desde os primeiros annos do seculo XVII, diz o dr. Francisco Lobo, «foi este caminho senhoreado e frequentado pelos paulistas, tornando-se, então, a linha de penetração mais importante do Brasil, sinão da America do Sul. (13).

Era o caminho *velho* para Minas Geraes (14); e delle ainda nos dava completa noticia em 1711, o celebre escriptor Antonil. (15).

Só mais tarde se abriu o caminho *novo* de Minas para o Rio de Janeiro, pela picada que Garcia Rodrigues traçara em 1701—4. (16).

E o caminho *velho* ao passar por Baependy, ficava a nove legoas das *Minas do Rio Verde*, na parte destas minas situadas na actual cidade de Tres Corações, e a doze legoas, na parte situada na actual cidade da Campanha.

Desde o começo do seculo XVII, pois, que era bastante conhecido o alto rio Verde, e que a grande estrada para Minas, passava bem perto das futuras *Minas do Rio Verde*.

E' interessante coincidência, como salienta o dr. Pandiá Calogeras, a desta velha estrada, com a actual Estrada de Ferro Minas e Rio. (17).

(12) E' mesmo, garganta, a significação da palavra Embahú, como explica o dr. Diogo de Vasconcellos, na *Historia Antiga das Minas Geraes*, pag. 35.

(13) *Descobrimto e decassamento do territorio de Minas Geraes*, na *Revista do Archivo Publico Mineiro*, Anno VII, pag. 577.

(14) Francisco Lobo, *Loc. cit.*

(15) *Cultura e opulencia do Brasil*, 2.ª edição 1837.

(16) Diogo de Vasconcellos, *Op. cit.*, pag. 35.

(17) *Minas do Brasil e sua legislação*, vol. I, pag. 43.

Os trilhos da linha ferrea passam pela mesma garganta do Embahú, e seguem o mesmo caminho *velho*, até Pouso Alto.

A engenharia moderna nada teve a acrescentar á obra dos selvícolas!

Relativamente ao alto Sapucahy, segundo o dr. Diogo de Vasconcellos, elle foi conhecido pela expedição promovida, em 1601, por D. Francisco de Souza e da qual fazia parte o hollandez Glimmer (18).

Certo, pensa diversamente o dr. Orville Derby, para quem o caminho desta expedição foi pela garganta do Embahú e, depois, pelo rio Verde, até certa altura, seguindo, afinal, para o rio Grande. (19).

E desta opinião é, tambem, o dr. Capistrano de Abreu. (20)

Mas, alguns annos depois da morte de D. Francisco de Souza, diz, ainda, o dr. Diogo de Vasconcellos, Diogo Gonçalves Laço e Francisco Proença, moço fidalgo da camara do Infante D. Luiz de Souza, tomando o rumo de Araraquara e Mugy, vieram alcançar o leito do Sapucahy, por onde subiram, perlustraram o rio Grande e voltaram ao Embahú. (21).

Como quer que seja, porém, é positivamente certo que, pelos annos de 1692 e 1693, se achava perfeitamente conhecida a existencia de ouro no alto Sapucahy e no alto rio Verde. (22).

A esta descoberta se refere Bento Corrêa, na informação que prestou ao Governador Geral do Brasil, D. João de Lancastro, em data de 20 de julho de 1693.

O roteiro de que falla Bento Corrêa existe na Bibliotheca Nacional, e está publicado pelo Dr. Orville Derby, no seu tratado sobre *Os primeiros descobrimtos do ouro em Minas Geraes* (23).

As minas foram descobertas por uma expedição cheliada pelo afamado sertanista Padre João de Faria Fialho, que mais tarde, deu o seu nome a um bairro de Villa Rica.

No roteiro se fazem referencias a minas existentes no alto Sapucahy, bem como nos morros e rios proximos de Baependy, já conhecidas estas, anteriormente, por Bartholomeu da Cunha.

(18) *Op. cit.*, pag. 21.

(19) *Roteiro de uma das Primeiras Bandeiras Paulistas*, na *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, vol. IV, pag. 129.

(20) *Descobrimto do Brasil e seu desenvolvimento no seculo XVI*, pag. 84.

(21) *Op. cit.*, pag. 22.

(22) Antonio Olyntho, no seu trabalho sobre a *Mineração*, *Riquezas Mineiras*, no *Livro Centenario*, vol. III, pag. 46.

—E' tambem, tradição corrente, em Baependy, que, em 1692, Antonio Delgado da Veiga, seu filho João da Veiga e Manoel Garcia souberam da existencia de ouro naquella região, e alli estiveram, vindos de Taubaté. Vide *Almanack Sul-Mineiro*, de 1874, pag. 395.

(23) Vide *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, vol. IV, pag. 268.

Orville Derby explica que a descoberta destas minas tenha passado despercebida, «por ser o ouro de lavagem», e não em quantidade sufficientemente deslumbrante, para fazer desaparecer o antigo preconceito contra esta qualidade de minas, em confronto com as minas de prata, com que se desejava collocar a colonia portugueza a par das de Hespanha». (24)

De facto, eram pobres as jazidas do Sul de Minas, onde, apenas, vieram a sobresahir, por sua importancia, as *Minas do Rio Verde*, principalmente, na parte situada entre a actual cidade da Campanha e a de S. Gonçalo do Sapucahy.

Deviam ter sido conhecidas, nessa época, as *Minas do Rio Verde*.

Mas o ouro daquella zona não inspirava confiança.

E, por outro lado, surgiu breve esta Potosí, que era Villa Rica, onde «rios de ouro sahiam das fraldas da montanha, perfurada como um favo de abelhas pelos mineiros paulistas, correndo pelas ruas da opulenta cidade sob a forma de um luxo desvairado, de que dão, ainda hoje, testemunho os antigos palácios e as igrejas dessa época!» (25)

O caminho *velho* coalhava-se de *entradas*!

Era a onda humana crescendo para Villa Rica!

As *Minas do Rio Verde* ficavam á margem.

Poucos, a principio, desgarravam para alli.

Mas, logo no começo do século XVIII, ellas tinham, certamente, um nucleo regular de população, esquecido na margem do caminho *velho*, enquanto na opulenta Villa Rica, se atropelavam os aventureiros de toda a parte!

E este nucleo crescia silencioso, ao passo que a exploração ia desvendando as riquezas das *Minas do Rio Verde*!

As *entradas* começavam a se fazer, tanto pelo rio Verde, como pelo rio Sapucahy, (26).

E a vizinhança do Sapucahy muito facilitava a exploração clandestina, em que viviam aquelles mineiros.

O ouro sahia por alto, para Santos.

Por outro lado, abria-se o caminho *novo*, de Minas para o Rio de Janeiro.

O caminho *velho* se fez deserto; crescia o matagal!

E mais occultas ficavam as *Minas do Rio Verde*!

(24) *Op.cit.*, pag. 87.

(25) Oliveira Martins, *O Brasil e as Colonias*.

(26) O proprio Ouvidor Cypriano declarou, em seu officio, ter sabido, no Sapucahy, que, com tres dias de navegação, rio acima, se communicavam as minas de Itajubá.

E' o Itajubá *velho*, actual Soledade de Itajubá, situada nas fraldas de Mantiqueira.

Assim, só em 1737 o governo da Capitania as podia conhecer, por intermedio do Ouvidor Cypriano.

E o populoso arraial, a que este deu o seu nome, é o mais antigo do Sul de Minas (27), e, quiçá, um dos mais antigos da Capitania!

Pouso Alto, Baependy, etc., por aquella época, não constituíam povoados; eram apenas, sitios do caminho *velho*.

II

E, breve, o arraial de S. Cypriano estava erecto em freguezia, de Santo Antonio do Valle da Piedade da Campanha do Rio Verde. (28)

A Campanha do Rio Verde era, tambem, a primeira freguezia do Sul de Minas.

E espalha-se a fama da sua riqueza!

O governo de S. Paulo tenta apossar-se da freguezia, nomeando para superintendente das minas a Bartholomeu Corrêa Bueno.

A camara de S. João d'El-Rey, porém, fazendo-se acompanhar de gente armada, corre para alli, e expulsa o usurpador, em 1733, lavrando um auto de ratificação de posse.

A Campanha estava em foco.

E só a necessidade da defesa daquella zona contra as pretensões de S. Paulo, explica que, em 1746, se creasse para além, no modesto povoado de Sant'Anna de Sapucahy, e não na Campanha, o primeiro julgado do Sul de Minas.

E' mais tarde, em 1785, que ella vai ter a honra de um julgado.

E familias distinctas, de S. Paulo e de S. João d'El-Rey começam a se transferir para a Campanha do Rio Verde.

E', porém, Alvarenga Peixoto o hospede mais illustre que ella vae receber.

E, com elle, a sua exemplar esposa, Barbara Heliodora—a Heroína da Inconfidencia!

E, com elle, a sua graciosa filha, Maria Ephigenia—a *Princesa do Brazil*!

Não foi, propriamente, no districto da actual cidade da Campanha, que Alvarenga Peixoto se localizou; mas, um pouco adiante, no districto, hoje da cidade de S. Gonçalo do Sapucahy.

Entretanto, por aquella época, não existia a freguezia de S. Gonçalo; pois esta se creou pela resolução de 23 de julho de 1819.

As minas que Alvarenga Peixoto adquiriu pertenciam, então, á Campanha do Rio Verde.

(27) Denominamos Sul de Minas a zona limitada pelo rio Grande.

(28) Uma provisão de dom Frei João da Cruz, bispo do Rio de Janeiro, de 21 de setembro de 1742, já se refere á existencia da freguezia. Vide *Almanach da Campanha*, pag. 20.

Alvarenga Peixoto era uma das grandes figuras da Inconfidência!
Ainda joven, improvisava bellos sonetos, rivalizando com Basilio da Gama.

Academ'co em Coimbra, tanto sobresahe que, logo após à sua formatura, é nomeado juiz de fóra em Cintra, onde serve por tres annos.

Mas, não o seduzem as posições na Metropole.

Anceia pela Patria!

E' para aqui que elle guarda os primores de seu estro!

Volta ao Brasil, em 1776, como ouvidor da comarca do Rio das Mortes, cuja séde era S. João d'El-Rey.

E S. João ia ter uma influencia decisiva em seus destinos.

Ahi, Alvarenga Peixoto apurou a sua alma de patriota, que o fez o poeta do *Canto Genethliaco*, o poeta das *Cartas Chilenas* e, mais tarde, o *Conjurado*!

Esoava, ainda, pela margem do Rio das Mortes, o fragor deste combate de 1708, entre paulistas e *emboabas* — cruenta affirmacão do sentimento da nossa nacionalidade!

Ahi, elle integralizou a sua vida, neste feliz consorcio com

«Barbara bella,
Do norte estrella,
Que o meu destino
Sabes guiar».

Barbara Heliodora, a esposa de Alvarenga Peixoto, era filha do dr. José da Silveira e Souza e de D. Maria Bueno, pertencente a uma das mais illustres familias de S. Paulo.

Recebera educação primorosa; e, na distincção de seu trato, revelava a nobreza de sua origem.

Todos os encantos da intelligencia, da belleza, da graça e da virtude se encontravam nesta mulher extraordinaria!

E, para que melhor pudesse comprehender a seu esposo, o culto das musas lhe era tão familiar, como a elle proprio!

Alvarenga Peixoto renuncia á carreira da magistratura; dispensa-lhe as dignidades e as honras!

Bastava-lhe a felicidade do seu lar; o mais feliz da Capitania!

E' para elle, enriquecido, agora, com a encantadora Maria Ephigenia, que Alvarenga Peixoto vai viver.

Quer a opulencia na sua casa!

E procura a Campanha do Rio Verde.

Espirito emprehendedor, adquire alli terras mineraes e realiza importantes trabalhos hydraulicos, na exploração das jazidas.

E estes trabalhos aproveitam à collectividade, desencavando as melhores minas e lavras de varios possuidores, que comprehendiam para

mais de quatro mil datas mineraes, até então abandonadas pela falta de expedição de aguas. (29).

Em attenção aos seus serviços, o governador da Capitania, D. Rodrigo de Menezes, o nomeia coronel de milicia da Campanha.

E o trabalho leva, breve, a prosperidade á casa de Alvarenga Peixoto. (30)

Feliz vida, a daquella familia!

Barbara Heliodora deixa as musas: absorve-se toda nos seus deveres de esposa e de mãe.

«Nenhuma nuvem toldava a felicidade dessa familia, apontada como modelo de virtudes. Seus dias decorriam entre as doçuras da opulencia, as praticas da caridade e os attractivos de uma sociedade de escol». (31)

E todos os desvellos do casal se voltam para Maria Ephigenia.

Não houve sacrificio que Barbara Heliodora não empregasse, para a educação desta seductora criança!

A peso de ouro, logrou que viessem se estabelecer, em S. João d'El-Rey, os melhores professores da Capitania!

Maria Ephigenia recebe uma educação completa; aperfeiçoa-se no idioma patrio, como nos idiomas estrangeiros; e tem um curso esmerado de bellas artes. (32)

E que melhores professores ella podia ter, de que seus proprios pais?

Ao completar sete annos, recebe de Alvarenga Peixoto os bellos conselhos deste soneto:

Amada filha, é já chegado o dia,
Em que a luz da razão, qual tocha accesa,
Vem conduzir a simples natureza.
E' hoje que o teu mundo principia.

A mão que te gerou, teus passos guia,
Despreza offertas de uma vã belleza,
E sacrifica as honras e a riqueza
A's santas leis do Filho de Maria

Estampa na tu'alma a caridade,
Que amar a Deus, amar os semelhantes
São eternos preceitos da verdade.

Tudo mais são idéas delirantes;
Procura ser feliz na eternidade,
Que o mundo são brevissimos instantes.

(29) Joaquim Norberto, *Historia da Conjuracão Mineira*, pag. 182.

(30) Além da importante fazenda dos Pinheiros, pertenciam-lhe as terras e aguas mineraes da Boa Vista, Santa Ruina, Espigões, S. Gonçalo Velho, Castro, Campo do Fogo, Aterrado, Ouro Falla, Santa Luzia e muitas outras, como consta do sequestro de seus bens. Vide *Brasilia, Obras Poeticas de Alvarenga Peixoto*, por Joaquim Norberto, nota 76, pag. 111.

(31) Americo Werneck, *A Heroína da Inconfidencia*, pag. 8.

(32) Joaquim Norberto, *Brasileiras Celebres*, pag. 185.

A maneira, porém, que Barbara Heliodora «se extremava pela educação de sua filha, crescia-lhe o amor maternal, excedia-se a afeição, exaggerava os seus carinhos».

«Já não amava: adorava-a; e exigia dos mestres não só toda a paciência, como deferencia por aquella que, dizia ella, devia ser tratada como princeza.» (33)

E, de facto, por *Princeza do Brazil* era tratada, na Capitania, a formosa menina, aatonomazia pueril, que se tornando popular, passou á posteridade quasi como um delicto! (34)

Ao que parece, a principio, não era permanente a estada de Alvarenga Peixoto na Campanha do Rio Verde, residindo elle, ora em S. João, ora alli.

E, quando na Campanha, installava-se, luxuosamente, na sua fazenda dos Pinheiros.

E bem viva, ainda, a tradição local sobre a familia Alvarenga Peixoto.

Americo Werneck apanhou-a em seu opusculo — *A Heroína da Inconfidência*.

Era principesco o seu tratamento.

Mas, tão captivante e generosa esta familia, que a sympathia popular acompanhava a sua felicidade.

Aos domingos, D. Barbara e a filha vinham á missa parochial, em S. Gonzalo, «mettidas em dourado palanquim, e seguidas de numeroso cortejo, fazia a sua entrada triumphal no povoado, e apeando em frente á igreja penetravam no recinto sagrado, passando sobre os tapetes, que os famulos, á sua chegada, estendiam como de costume, á entrada da nave». (35)

Mas, a prosperidade de sua casa, os encantos de sua familia não fazem esquecida, em Alvarenga Peixoto, a sua alma de patriota!

Como bem accentua Sylvio Romero, elle tem duas notas principaes como poeta, o doce sentimento da familia e a grande intuição da independência nacional. (36)

Esta se accentrou, decisiva, no *Canto Genethliaco*.

(33) Joaquim Norberto, *op. cit.*, pag. 186, e, tambem, *Historia da Conjuração Mineira*, pag. 182.

— No depoimento do professor de musica, Xavier Vieira, tanto da *Dezesseis de Maio*, como na do *Rio de Janeiro*, diz elle que D. Barbara lhe recommendava tratasse sua filha como princeza.

— E a test-munha José Joaquim de Oliveira depoz que ouviu dizer que D. Barbara dizia que sua filha devia ser tratada como princeza do Brazil, e era tão soberba que acrescentava que, si o paiz viesse a ser governado por nacionaes, seria sujeição á Europa, si á sua filha, pela sua antiguidade e nobreza, pertencia o governo, por ser ella de uma das mais antigas e primeiras familias paulistanas.

(34) Joaquim Norberto, *Historia da Conjuração Mineira*, pag. 182.

(35) Americo Werneck, *op. cit.*, pag. 9.

(36) *Litteratura Brasileira*, vol. I, pag. 377.

Nascera no Brazil um filho de D. Rodrigo de Menezes, governador da Capitania.

E, pelo seu baptisado, Alvarenga Peixoto improvisa a mais bella de suas composições, elevando-se em magestoso vôo ás altas regiões da poesia epica, em admiraveis oitavas. (37)

E' um cantico patriotico!

E' a revolução occulta da poesia!

Alvarenga Peixoto dirige-se mais á patria do que a seu heroe.

Descreve a riqueza do Brazil:

«Aquellas serras, na apparencia feias,
Dirás por certo — Oh! quanto são formosas!
Ellas conservam nas occultas veias
A força das potencias magestosas;
Têm as ricas entranhas todas cheias
De prata, ouro e pedras preciosas:
Aquellas brutas, escalvadas serras
Fazem as pazes, dão calor as guerras.»

Das florestas do Brazil se fazem as esquadras que cruzam os mares;
se fazem os ricos palacios e os pomposos templos de Lisboa:

«Aquelles morros negros e fechados,
Que occupam quasi a região dos ares,
São os que em edificios respeitadas
Repartem raios pelos crespos mares
Os corinthios, palacios levantados,
Os doricos templos, jonicos altares,
São obras feitas desses lenhos duros,
Filhos desses sertões feios e escuros.»

E encclue pedindo ao céu que lhe permittisse ver o filho do heroe governando o Brasil.

Entretanto Alvarenga Peixoto não se preoccupa só com a libertação da patria, mas, ainda, com a libertação dos captivos!

Canta tambem o valor destes *homens fortes*:

«Esses homens de varios accidentes
Pardos, pretos, tintos e tostados,
São os escravos duros e valentes,
Aos penosos serviços costumados:
Elles mudam aos rios as correntes,
Rasgam serras, tendo sempre armados
De pesada alavanca e duro malho
Os fortes braços feitos ao trabalho.»

(37) *Brasília, Obras Poeticas de Alvarenga Peixoto*, por Joaquim Norberto, pag. 35.

Alvarenga Peixoto compõe, ainda as *Cartas Chilenas*. (38)

Estas *Cartas*, como diz Sylvio Romero, formam o *Libello do Povo* daquela época!

A satyra castiga com vigor, o governo desastrado de Cunha Menezes, o *Fanfarrão Mineiro*.

Agora, Alvarenga Peixoto é o Conjurado.

A independencia dos Estados Unidos vem repercutir na Capitania animando a idéa de um levante.

E, por outro lado, as minas começavam a se exaurir.

«Os mineiros deviam sete annos de serviço de cem arrobas em que o Quinto fôra transformado, e as minas improductivas não davam para pagar o sustento dos mineiros, que se arruinavam: quanto mais para enviar 700 arrobas de ouro para Portugal, essa metropole madrastra, a quem nada saciava, nem os impostos, nem os monopolios—entre os quaes o do sal vexava a todos!».

E um historiador portuguez quem, assim, se pronuncia: é Oliveira Martins. (39)

A *derrama* estava eminente!

Alvarenga Peixoto era naquelle momento, a sua principal figura.

Toma parte activa nos conciliabulos, que se realizam em Villa Rica, do Natal de 1788 e Reis de 1789.

Certo, avultava, ahi, a figura de Tiradentes, em quem, como diz Americo Werneck, a idéa da Independencia, que Maciel lhe havia inspirado, fôra como a scintilla na polvora. (40)

Certo, ahi se achavam homens da inspiração e do saber de Claudio e de Gonzaga.

Mas Alvarenga Peixoto a todos sobrelevava.

Tiradentes era a dedicação allucinada e, por isto mesmo, inconveniente, levando a Conjuração ao malogro! (41)

Montado no seu *rosilho* (42), de Villa Rica para o Rio, elle vinha pela estrada fôra, imprudentemente, a apregoar a revolução!

Apostolava por toda a parte, sem cuidados nem cautelas.

Da sua imprudencia se queixavam os proprios conjurados! (43)

38 Certo alguns a attribuem a Claudio, outros a Gonzaga; temos, porém, por irrespondiveis os argumentos com que Sylvio Romero justifica a auctoridade de Alvarenga Peixoto. Vide *Litteratura Brasileira*, vol. I, pag. 207 e seguintes.

39 *O Brasil e Colonias* pag. 101.

40 *A Heroína da Inconfidencia*, pag. 7.

41 Americo Werneck, *Op. cit.*, pag. 13.

42 O *rosilho* em que elle fez esta viagem figurou no sequestro, e foi arrematado por 10\$000, Joaquim Norberto, *Historia da Conjuração Mineira*, pag. 73.

43 *Op. cit.* pag. 117.

E a tal ponto elle chegou que, a todo momento, elle ouvia observações de que estava louco! (44)

Além disto, era inculto, sem o menor conhecimento dos grandes problemas que estavam em causa, com exito da Independencia.

E só levava, para o movimento, a sua contribuição pessoal.

Claudio e Gonzaga eram... *poetas*.

Alvarenga Peixoto, era tambem, um poeta.

Mas, nelle, como salienta Sylvio Romero, a poesia é um acto de força e de seriedade. (45)

Não era um pedante!

Era um industrial que, nas suas lavras, «tinha as expansões do trabalho em luta aberta contra a natureza».

Um lutador; e a sua poesia, militante!

Antes que jovens brasileiros trouxessem da Europa a idéa de nossa libertação politica elle o levantara, em 1783, pelo menos, no seu *Canto Genethliaco*. (46)

Este canto ecoou na Capitania como um verdadeiro grito de Independencia!

Alvarenga Peixoto ainda o repetia, nos conciliabulos de Villa-Rica, com grande arrebatamento da assistencia, inclusivé Tiradentes.

E a lembrança de que elle o improvisara em um baptisado deu a senha para a Revolução, que era a seguinte: *Tal dia, faça o baptisado*.

A liberdade dos escravos—*estes braços fortes feitos ao trabalho*—figura, da mesma forma, naquelle canto, sendo, assim Alvarenga Peixoto o verdadeiro precursor da abolição no Brasil!

Foi, ainda, elle quem se bateu pela abolição, nos conciliabulos de Villa Rica, contra a opinião de Maciel.

E este acto é tanto mais saliente, quanto Alvarenga Peixoto possuia para mais de duzentos escravos, nas suas lavras, tendo, assim muito a perder com a abolição.

Foi elle, ainda, quem deu a legenda para a bandeira, tirada do versiculo de Virgilio: *Libertas que sera tamen*.

E era quem maior contingente offerecia para o levante; de 400 a 600 homens da Campanha do Rio Verde.

Collaborou nas leis que Claudio e Gonzaga teriam preparado. (47)

Outra nota saliente de Alvarenga Peixoto era o seu estado.

Os conjurados eram quasi todos solteirões.

Alvarenga Peixoto era casado; tinha o culto accendrado da familia.

Era o legitimo representante da familia mineira, na obra da Independencia; e, por certo, da mais illustre, elle que era o esposo de Barbara Heliodora.

(44) *Loc. cit. e interrogatorio* de Vieira da Motta, na *Devassa*.

(45) *Litteratura Brasileira* vol. I, pag. 233.

(46) D. Rodrigo de Menezes governou a Capitania de 1780 a 83.

(47) Joaquim Norberto, *Historia da Conjuração Mineira*, pag. 68.

Mas um facto inesperado vem enfraquecer o movimento!

O Visconde de Barbacena, governador da Capitania, suspende a *derrama*.

Abate-se o animo dos Conjurados!

Com razão, dizia Gonzaga: «A occasião para o levante perdeu-se»!

Retira-se Alvarenga Peixoto para S. João d'El-Rey e, a caminho, sabe, pelo Tenente-Coronel Francisco de Paula, que o Visconde de Barbacena estava informado do movimento!

E' a 5 de Abr.l, domingo da Paixão, que elle chega á sua casa.

E tristes, como os dias daquella semana, começaram a ser os dias desta casa!

A suspensão da *derrama* e a noticia que lhe dera o Tenente-Coronel Francisco de Paula traziam-no sobresaltado.

E não passaram muitos dias que o Coronel Oliveira Lopes o procurou, para lhe transmitir a horrivel nova de que Joaquim Silverio, com toda a villeza, havia denunciado a Conjuração.

Estava tudo perdido!

Alvarenga Peixoto sente-se desfallecer!

A sua figura vai se diminuir, no scenario da Conjuração.

E entra, agora, um personagem novo.

E' Barbara Heliadora, a Heroína da Inconfidencia!

Andou esquecido este momento da Conjuração, do qual já fallava, entretanto, Frei Raymundo de Pennaforte. (48)

Delle não trata o Visconde de Porto Seguro.

A Conjuração Mineira é, de facto, assumpto mal estudado entre nós.

Certos historiadores do Imperio a tratavam com as reservas dictadas pelo seu aulicismo.

E, para os historiadores republicanos, bastou Tiradentes!

Queriam a figura de um martyr, como bandeira de propaganda; não era preciso mais.

E a verdade historica é que vinha sendo deixada á margem, por uns e por outros!

Joaquim Norberto foi o primeiro a destacar a figura de Barbara Heliadora. (49)

E Americo Werneck escreve a pagina definitiva sobre o assumpto, no bellissimo trabalho *A Heroína da Inconfidencia!*

Conhecia Alvarenga Peixoto, como ex-magistrado, a natureza do supplicio imposto aos réos de lesa-majestade.

(48) *Ultimos Momentos dos Inconfidentes*, n. 31.

(49) Joaquim Norberto, *Op. cit.*, pag. 186.

E vio bem a extensão de sua desgraça; a separação eterna de sua esposa, de sua filha, a ruina de sua casa e a sentença de infamia pairando sobre a cabeça de Maria Ephigenia!

Era de mais!

Desespera! E, louco, premedita medonha traição, que o devia salvar!

Denunciaria, tambem, a conjuração!

«A sua resolução estava tomada. Entretanto, como si o remorso já lhe atormentasse previamente a consciencia, encerra-se o infeliz no mysterio do seu tenebroso projecto, a olhar com profunda tristeza para tudo que o cercava.» (50)

E' neste estado que sua esposa o vae encontrar, e que bem suspeitava que grande tempestade lhe passava pela alma! (51)

— Que tens, Alvarenga?

Elle vacilla, a principio.

Mas, confiando na ternura de sua adorada esposa, vasa-lhe a alma, conta-lhe tudo: a catastrophe, que estava imminente, e a salvação unica — a denuncia!

E a pallidez da morte, como diz Joaquim Norberto, tinge neste momento, a face de Barbara Heliadora!

— Que é isto Alvarenga? — exclama, com orgulho a fulminal-o com um olhar de fogo! (52). Que horror! Tu delator! A denuncia, nunca! Cahiam sobre nós os castigos todos deste crime, de haveres trabalhado pela liberdade da nossa patria; arruine-se a nossa casa; tire-se a nossa vida! Mas, não compromettas teus amigos, que contigo se bateram por tão santa causa! Sé homem! Affronta a tyrannia. Si é preciso, segue com os teus companheiros para o marthyrio!

E ajoelha-se supplicante.

Por Deus, Alvarenga, poupa á tua familia a nodôa da delação.

— Perdão! diz Alvarenga.

E beija as mãos de sua esposa, como as do anjo da guarda.

Dias após, chegava a S. João d'El-Rey o official, encarregado de effectuar a prisão de Alvarenga Peixoto.

Passava este pelas ruas da villa, quando delle se aproxima uma ordenança, convidando-o a ir á presença daquelle official.

E Alvarenga Peixoto não poude voltar á casa.

Nunca mais viu a familia!

Estava preso, algemado, e coberto de ferros!

Neste Estado é conduzido para o Rio de Janeiro!

(50) Americo Werneck, *A Heroína da Inconfidencia*, pag. 11.

(51) Joaquim Norberto, *Op. cit.*, pag. 186.

(52) Americo Werneck, *Op. cit.*, pag. 13.

Chagou-se-lhe o corpo! (53)

E no Rio o esperavam as masmorras da Ilha das Cobras

E começou para Barbara Heliodora o seu martyrologio.

A villa de S. João d'El-Rey tinha agora, para ella um aspecto sinistro.

Por toda parte via a figura do beleguim, que acorrentara o seu esposo, por toda a parte ouvia o tinir dos ferros, que o haviam de chagar!

Pede, implora a seus parentes, que a levem para a Campanha do Rio Verde. (54)

Socego, não o teria mais em sua vida!

Entretanto, lá estaria mais distante dos beleguims, de S. Magestade.

Lá, era mais viva a tradição das *bandeiras*; a alma nacional menos contaminada do servilismo dos *emboabas*!

Lá, estava a gente simples, mas valente, com que Alvarenga Peixoto contava derrocar a tyrannia libertar a Patria!

Era lá, que ella queria concentrar-se no seu luto, verter as suas lagrimas.

E a Campanha do Rio Verde presenciou, enternecida, os seus sobresaltos.

Mal havia chegado e apresenta-se em sua casa o Ouvidor do Rio das Mortes, para effectuar o sequestro.

E ella vê sair toda aquella fortuna, que o trabalho havia accumulado!

Entrega, desdenhosa as suas baixellas; despoja-se de suas joias!

O seu olhar estava fito na Ilha das Cobras, onde por sua vez, Alvarenga Peixoto procurava, em vão através das paredes do seu carcere, divisar a Campanha do Rio Verde!

Para lá dirigia o poeta os seus versos:

«Barbara bella,
Do Norte estrella,
Que o meu destino
Sabes guiar,
De ti ausente,
Triste somente,
As horas passo
A suspirar.»

«Por entre as pedras,
De incultas brenhas
Cança-me a vista
De te buscar!»

(53) Joaquim Norberto, *Op. cit.*, pag. 47, com fundamento no interrogatorio do Padre Rollim.

(54) É a tradição que alcancei na campanha.

Porém não vejo,
Mais que o desejo,
Sem esperança
De te encontrar.»

«Eu bem queria,
A noite e o dia,
Sempre contigo
Poder passar:
Mas orgulhosa,
Sorte invejosa,
Desta fortuna
Me quer privar.»

«Tu entre os braços
Ternos abraços
Da filha amada
Podes gosar:
Priva-me a estrella,
De ti e della,
Busca dous modos
De me matar.»

Tres annos levaram as justiças de Maria I a suppliciar os conjurados com um processo interminavel!

E Barbara Heliodora supportava o seu martyrio, apenas alliviada pelos versos que seu esposo lhe dirigia!

Veio, afinal, a sentença!

Alvarenga Peixoto é condemnado ao patibulo!

Mas, não o impressiona a morte: o que elle sente é a — Saudade!

Logo após a leitura da sentença, compõe este soneto na cadeia publica, actual Camara dos Deputados:

«Não me afflige do potro a vida quina:
Da ferrêa maca o golpe não me offende:
Sobre as chammas a mão se não estende;
Não soffro do agrilhete a ponta fina.

Grilhão pesado os pés não me domina:
Cruel arrocho a testa não me prende:
A força a perna ou o braço se não rende:
Longo cadeia o collo não me inclina.

Agua e pomo faminto não procuro:
Grossa pedra não cança a humanidade:
O passaro voraz eu não aturo.

Estes males não sinto: é bem verdade:
Porém, sinto outro mal inda mais duro,
Sinto da esposa e filhos — a saudade!»

Supporta, ainda, Barbara Heliodora, com coragem, esta sentença!
Dentro em pouco, a pena é commutada em degredo para a Africa.

E no dia 23 de maio de 1792, Alvaranga Peixoto, da pópa da *Princeza Imperial*, via sumir-se-lhe para sempre, a sua Patria!

Mas, a sentença declarava infame a sua prole!

E Barbara Heliodora, que tinha em tão alto grau o sentimento de honra, succumbiu!

« A desordem invadiu-lhe os sentidos, apagou-se a intelligencia brilhante, e a intrepida matrona submergiu no cahos da loucura! »

« Teve uma loucura pacifica; sorria e cantava em voz baixa, e como se lhe ficasse uma impressão fugitiva do malogrado levante e suas causas, simulava distribuir ouro em pó pelas pessoas que della se approximavam, acompanhando o gesto com palavras de uma ironia inconsciente sobre a ambição mesquinha e insaziavel dos despotas ». (55)

De vez em quando, recitava com tristeza, a poesia que seu marido lhe enviara.

Assim desapareceu!

E antes della, vexada pela sentença de infamia, Maria Ephigenia, a *Princeza do Brasil*, tambem havia desaparecido!

E é tempo de confrontar, como faz Americo Werneck, a figura de Barbara Heliodora, com a figura de Tiradentes.

Tiradentes é um vulto heroico no seu martyrio!

Chama a si toda a culpa do crime!

E sobe, destemido, ao patibulo!

Mas, era um homem, a quem a carreira das armas, certo havia preparado para estes soffrimentos!

Além disto, vinha perseguido pelo infortunio, em todas as tentativas de sua vida!

Tudo lhe falhara!

Barbara Heliodora houve que vencer a debilidade do seu sexo!

E a felicidade a acompanhara em toda a sua vida!

Filha, esposa e mãe, ninguém era mais feliz na Capitania!

E vivia na opulencia, cercada da riqueza!

Tudo isto ella sacrifica pela causa da sua Patria, pelo nome da sua familia e pelo seu proprio.

O supplicio de Tiradentes foi rapido.

O della, lento, demorado: foi esta longa agonia, que, corapungida, presenciou a campanha do Rio Verde!

A luz que a Campanha do Rio Verde projecta sobre a Conjuração, ainda é mais brilhante, pois, do que a que irradia do Campo de Lampadosa!

(55) Americo Werneck, *Op. cit.* pag. 17.

III

Sepultam-se, na Campanha do Rio Verde, a Heroína da Inconfidencia e a *Princeza do Brasil*.

Mas, parecia escripto que o nome de Princeza estaria sempre ligado aos fastos da Campanha.

Fôra, tambem, na *Princeza Imperial* que Alvarenga Peixoto havia seguido para o desterro.

E é sob os auspicios da Princeza da Beira, que a Campanha vai ser erigida em Villa.

Tristeza das cousas humanas:

Mal se extinguiu a Heroína da Inconfidencia, a victima de Maria I, e os habitantes da Campanha haviam de supplicar da Rainha a mercê de Villa!

E esta mercê seria concedida, dando-se á Villa!

E esta mercê seria concedida, dando-se á Villa o nome Princeza da Beira, como para sobrepol-o ao da infortunada *Princeza do Brasil*!

Foi em 1793 que a supplica daquelles habitantes chegou á Rainha.

Queriam a criação da Villa, correndo os seus limites pelo rio Capivary.

E allegavam que a população da Campanha, fôra o seu termo, já excedia, naquelle momento, a oito mil pessoas. (56)

Informaram, a respeito, a Camara e o Ouvidor de S. João d'El-Rey, em Abril de 1798. (57)

A Camara é severa para com a pretensão da Campanha.

Chega a julgá-la audaciosa!

Além disto, pondera que o termo, que se tem em vista, comprehende tres julgados, além do proprio julgado da Campanha: o de Itajubá, o de Cabo Verde e o de Jacuhy.

Comprehende dez freguezias: Lavras do Funil, Baependy, Pouso Alto, Sant'Anna do Sapucahy, Camandocaia, Ouro Fino, Itajubá, Cabo Verde e Jacuhy.

« Assim, dizia ella, depauperam esta Camara e lhe tiram toda a renda ».

Allegava, ainda, as despesas que havia feito no pretendido termo.

Em 1743, 264 oitavas de ouro, quando fazendo-se acompanhar de gente armada, expulsou da Campanha a Bartholomeu Bueno; em 1746 792, com o estabelecimento do julgado do Sapucahy, e para ausentar a

(56) Vide a petição transcripta na *Revista do Archivo Publico Mineiro*, anno de 1896, pag. 459.

(57) *Op. cit.*, pags. 161 e segs.

jurisdição que S. Paulo tinha conferido a Francisco Lustosa; 500, para a destruição do Quilombo de Campo Grande, quando se descobriu Jaculy; em 1759, 400 para destruição do Quilombo do Ambrosio, na expedição confiada a Bartholomeu Bueno do Prado.

Mais justo foi o Ouvidor.

Era legitima a pretensão da Campanha, de se erigir em villa.

Mas, pelos limites de seu proprio julgado.

Seria muito precaria a situação da Camara de S. João, creada a villa com os limites que a Campanha pretendia.

Apesar disso, porém, pelo Alvará de 20 de Outubro desse mesmo anno de 1798 Maria I ha por bem crear a Villa, com a denominação de Campanha da Princeza. (58)

E assim procedeu porque a Campanha «pelo crescido numero de seus habitantes e de outros mais Lugares que povoam a vasta extensão do seu Districto, se tem feito tão consideravel, que he uma das Povoações mais importantes da Capitania de Minas Geraes».

A carta regia de 12 de Maio de 1799, nomeou, por sua vez, Juiz de Fóra, para installar a villa, o Dr. José Joaquim Carneiro de Miranda e Costa.

O termo seria demarcado com approvação do Governador, sujeita esta á confirmação regia.

E a demarcação se faria de tal arte, que para a Villa da Campanha ficassem os lugares, que lhe estivessem mais proximos, do que da Villa de S. João (59)

A 26 de Dezembro, installou-se a Villa.

Conhecia a Camara da Campanha a má vontade, com que a Camara de S. João d'El-Rey recebera a creação da Villa.

E, em represalia, prepara-lhe tremendo golpe!

Em auto de vereança de 10 de Janeiro de 1800, providenciando sobre a creação de uma Consignação Voluntaria, para o serviço de obras publicas, lembrou-se de destinar a terça parte da Consignação, para os *alfinetes* da Princeza da Beira! (60)

Homenagens como esta, costumavam os principes receber das villas de Portugal.

No Brasil, a Campanha teria a primazia!

E certa do exito que o golpe ia ter, passou a Camara da Campanha a demarcar o seu termo com o maior desassombro. (61)

(58) O Alvará está publicado e a *Revista* cit., pag. 468.

(59) Carta regia, na mesma *Revista* pag. 467.

(60) Este auto, na *Revista*, pag. 478.

(61) O auto de demarcação, na *Revista*, pag. 486.

O limite já não seria, como se pensou a principio, pelo rio Capivary, mas por todo o rio Grande!

E, no respectivo auto, se dizia abertamente que assim convinha aos interesses da Princeza, para maior e mais segura arrecadação da Consignação Voluntaria!

Era a morte, quasi de S. João d'El-Rey; era a Villa da Campanha constituída com o territorio de uma Capitania!

Protestou, energicamente, a Camara de S. João!

Mas, em pura perda!

Maior poder tinham os *alfinetes* da Princeza!

O Governador da Capitania, Conde de Sarzedas, por muito favor, altera a demarcação, no sentido de excluir a freguezia de Lavras do Funil.

Mas, nem esta freguezia havia de pertencer a S. João d'El-Rey!

A Camara da Campanha queixa-se ao Principe Regente, e não tardou que recebesse a seguinte carta:

«Levei á Real Presença do Principe Regente Nosso Senhor a representação que Vossas Mercês fizeram com data de 7 de Junho do anno proximo passado. E o mesmo Senhor tendo presente o generoso offercimento que essa Camara fez da Terça parte de suas rendas, para o cofre de Sua Alteza Real o Principe Nosso Senhor, mereceram Vossas Mercês, por este motivo huma justa e particular contemplação da parte do Principe Regente. Foi Sua Alteza Real servido ordenar ao Governador Cap. General dessa Capitania, por Aviso de 3 de Fevereiro proximo passado que suspendesse toda a divisão do territorio de que Vossas Mercês se queixão e que puzesse logo tudo no seu anterior estado. Deus Guarde a Vossas Mercês. Palacio de Queluz, sete de Fevereiro de mil oitocentos e um.— Dom Rodrigo de Souza Coutinho.» (62)

Em Mafra, em 6 de Novembro de 1800, o Principe Regente havia assignado a carta regia, approvando, e agradecendo a consignação que a Camara da Campanha estatuiu para os *alfinetes* da Princeza.

Esta carta é aberta em sessão da Camara, com as maiores formalidades.

Achando-se os Officiaes em auto de vereança, pelo juiz de Fóra foi apresentada uma «carta feixada do Conselheiro de Estado dom Rodrigo de Souza Coutinho, aberta a qual se achava dentro outra em feixo de Carta Regia, que era um vinculo de uma tira de papel passado pelo meio, e prendidas as pontas debaixo dos sellos das Armas Reaes com o subscripto seguinte — Pelo Principe Regente — Ao Juiz Vereadores, e Procurador da Camara da Villa da Campanha da Princeza; e sendo aberta Logo que se vio a Firma do Punho do Real Principe Regente Nosso Senhor, se Levantou»

(62) Publicada na *Revista*, pag. 527.

taram todos e de pé ouviram ler como foi lida pelo Ministro Presidente o qual depois de se congratularem todos com reciprocos parabens disse — Aqui está, Senhores, como a Real Grandeza da Majestade é tão benigna e liberal em favorecer e honrar os seus Vassallos; quando elles se fazem dignos pela sua obediencia e fidelidade.»

E como reza o proprio auto de vereança. (63).

E, passando-se a deliberar, ficou resolvido que a Villa, dalli em diante, fosse nomeada, nos papeis publicos — *Nobre e Leal Villa da Campanha da Princeza*.

Convocou-se o clero, nobreza e povo, para assistir a publicação da Carta.

E, finalmente, se resolveu que :

«Sendo a Carta Regia um Titulo de Nobreza para esta Villa, e uma Mercê de honra para os seus moradores, hé muito conveniente que a gloria que temos com Ella se eternize com a duração da Mesma por todas as edades futuras : e para este fim depois de registrada seja copiada em pergaminho com caracteres de ouro, e juntamente com o seu original, e o Auto que se fizer de sua Publicação, e todos os Documentos pertencentes á Creação e privilegios desta Villa se guardará tudo em o Archivo da Camara depositada em um Cofre de duas chaves, o qual nunca se poderá abrir quando fór preciso, sinão em presença de todos os Officiaes da Mesma em acto de Vereação de que se fará termo.»

Os clavicularios do Cofre seriam «aquellas Pessoas, que representam as tres Corporações dos Mordomos da Villa ; que têm parte na Carta Regia, como premio de sua fidelidade, e que se devem interessar com o maior zelo na perpetua conservação da mesma, pelo que terá huma das ditas chaves o vereador mais velho, representando a Camara : A segunda o Capitão-Mór da Villa, significando a nobreza : A terceira o Procurador do Conselho, pela parte do Povo».

E os clavicularios teriam, como distinctivo, uma chavinha de ouro nas cadeias do relógio, ou pregada no bolso do vestido da parte de fóra, para que a vista deste distinctivo, que será insignia de honra, se sua Alteza Real houver por bem approvar, faça despertar e eternizar na Memoria de nossos Netos e Descendentes, para o seu exemplo, e imitação a Mercê e honra, que conseguirão do Real Throno pela sua Lealdade os primeiros moradores desta Villa que têm debaixo daquellas chaves os titulos de sua Nobreza e de sua gloria». (64).

(63) Este auto na *Revista* 519.

(64) Ha, na Bibliotheca Nacional, uma certidão extrahida dos livros da Camara da Campanha, em 1802, e com assignatura original do Juiz de Fóra e Officiaes do Camara.

Em Março de 1802, o Príncipe Regente assigna a Carta Regia, fazendo doação á Princeza do senhorio da Villa da Campanha.

Na capa, e em lettra muito bem desenhada, se lê : *Accordão da Camara da Villa da Campanha da Princeza sobre os meios da conservação dos titulos de nobreza e privilegios, com instrucções para arrecadação das rendas da consignação voluntaria, instituida para o augmento das rendas publicas da mesma Camara, com applicação da terça de todo o seu rendimento para o cofre de S. Alteza Real a Princeza da Beira, Nossa Senhora, e com approvação de S. Alteza Real o Principe Regente, Nosso Senhor.*

A certidão vem acompanhada de um pequeno mappa do termo da Campanha, desenho de Francisco Salles; e precedida deste soneto :

Não é esta Campanha onde as bandeiras
Tintas de sangue arrasta Marte irado.
Onde a funesta voz e o triste brado
Indicam mortaes golpes nas Fileiras.

Esta Campanha he sim onde as ribeiras
Dão agradável vista ao verde prado ;
Aonde um Povo habita, que tem dado
De fleis corações provas inteiras.

Ella a Villa subiu, Real Piedade
Da Princeza a Protege, e desta sorte
Adora agradecida a Magestade.

Feliz se jacte Villa deste porte,
Que apezar de vindoura e longa idade,
Com hum Nome Immortal não teme a morte.

O soneto não tem assignatura ; mas, quem apparece, algum tempo depois, fazendo versos, na Campanha, é Antonio Bressane Leite.

Nas solemnes exequias que alli se effectuaram em 1816, pela morte de Maria I, elle figura recitando os versos que se acham publicados na *Revista do Archivo Publico Mineiro*, do anno de 1896, pag. 506.

Provavelmente seria delle o soneto.

A certidão tem o numero 3.202 do catalogo da Exposição da Bibliotheca Nacional, e, provavelmente, pertencia ao Principe Regente, a quem a Camara da Campanha a tivesse offerecido.

Nesta carta, diz elle :

«Por desejar Eu mostrar á Princeza do Brazil, Minha Muito Amada, e Prezada Mulher, o muito Amor que lhe tenho, e a particular estimação que faço de uma Pessoa, lhe razão e pedem as Suas Virtudes, e merecimento. Me Praz e Hey por bem lhe fazer Mercê e Doação, durante a sua vida do senhorio da Villa da Campanha.» (65)

(65) Esta carta está publicada na *Revista*, pag. 533

E deram-se poderes ao Juiz de Fôra, para tomar posse do senhorio em nome da Princeza.

Pela demora, entretanto, em chegar a Carta Regia, esta posse se effectuou em abril de 1806. (66)

A Terça era remettida em ouro do mais fino quilate, e acondicionada com esmero.

Em 1808, ao chegar o Príncipe Regente do Brasil, a Camara da Campanha veio incorporada beijar-lhe as mãos e as da Princeza, trazendo para esta a Terça que estava prompta. (67)

E, mesmo depois de Rainha, D. Carlota Joaquina conservou aquelle rendimento enquanto esteve no Brasil. (68)

É esta a primeira phase da Historia da Campanha.

A Campanha entrou para o seculo XIX com os seus titulos de nobreza, que nunca havia de perder.

Consolidou-os, seculo em fôra!

Tornou-se o berço de familias illustres e, certo, foi a cidade do interior do paiz, em que as lettras tiveram maior culto!

Mas, na Historia de Minas, com relação á Campanha, se observa phenomeno identico ao das *entradas*.

A campanha ficou á margem.

A avalanche dos historiadores se encaminhou para Villa Rica; poucos desgarraram para alli.

E é por isto que eu me proponho a escrever a Historia da Campanha, de que este trabalho é um inicio.

Alfredo Valladão

(66) Auto de posse, na *Revista* pag. 533.

(67) Auto de vereança na *Revista*, pagina 535.

(68) *Almanack Sul-Mineiro*, de 1874, pagina 49.

DOCUMENTOS

Registro—Das cartas do exmo. sr. Gomes Freyre de Andrade gov^{or}. e Cap^m. Gen^l. das Minas C. do Rio de Janeiro para o sr. Martinho de Mendonça de Pina e de Proença a cujo cargo está o Gov. das Minas na sua auzencia como tão bem do Exm^o. sr. Conde das Galveas V Rey do Estado, e respostas ás mesmas cartas de q^{as}. algumas se registrarão por minuta, e de outras, se registrarão só alguns capitulos, omitindo-se discursos familiares sobre a guerra da Europa, e outras materias que não dizia a respeito ao Governo das Minas, por ordem vocál do dito Senhor, para crescer o volume do registro digo para não crescer o volume de registro, com materias que não tocavão ao governo, sendo secretario delle, Antonio de Souza Machado.

Meu am^o. e Sr. Em o dia 19 cheguei do Agoaçú, e ontem vim dormir a esta cidade com fortuna e sem molestia, ma: Serayva fica sangrado de huma grande queda que deo, mas não he couza de cuidado. Hoje fui ver a Forteleza do vergalho, e a da Ilha das Cobras, e algumas obras mais, e se fas impossivel o grande trabalho com que se achão adiantadas as defensas desta Praça, he José da Silva homem dos raros q'eu tenho visto; não posso explicar a v. s. o meu contentamento, o qual foi mayor porque esta tade entrou Embarcação da Colonia com as gostozas noticias que V. S. verá da copia junta. Monte Vedio será atacado sem demora porque as Fragatas de Guerra que ainda não entrarão tanto que o fação sahirão porque entendo que infalivelmente nos fica nas mãos, e será restituído por um tratado. A paz entre o Imperio, e França está feita como V. S. verá na carta de José da Silva, e as mais novidades: Eu fico com impaciencia esperando as Nãos de guerra em testado em que, querendo Deos, acabaremos a guerra da Colonia com estampido, elle nos ajuda com o té qué. Como D. Miguel expedio á sua corte por Pascoa sua Embarcação, eu para que Pong^o. esteja de tudo prevenido, mando logo o Hyacth á nosa corte, e não espero mais que alguma carta de V. S. e sobre oq.^o lhe parecer digamos á Corte. Hum criado meu que he Alferes, e está na Colonia teve a fortuna de atacar com hú Bargantim com que andava a corso no Rio da Prata, dous sanxoci inimigos, hum se queimou, e outro trouxe á praça. A pressa não dá mais lugar. Deos gd^o. a V. S. como eu desejo. Rio de Janeyro 21 de Mayo de 1736. Nós Martinho de Mendonça de Pina e de Proença. «Fiel am^o. de V. S. Gomes Freyre de Andrade.»